



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**O DISCURSO BACKLASH DO PRESIDENTE BOLSONARO:
a identidade feminina representada nos discursos latentes na fala “a quinta, eu
dei uma fraquejada”**

SILVESTER JORDAN SANTIAGO DE AZEVEDO

**Catolé do Rocha
2023**

SILVESTER JORDAN SANTIAGO DE AZEVEDO

**O DISCURSO BACKLASH DO PRESIDENTE BOLSONARO:
a identidade feminina representada nos discursos latentes na fala “a quinta,
eu dei uma fraquejada”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV, como requisito para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Rafael José de Melo

**Catolé do Rocha – PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A994d Azevedo, Silvester Jordan Santiago de.
O discurso backlash do Presidente Bolsonaro: a identidade feminina representada nos discursos latentes na fala "a quinta eu dei uma fraquejada". [manuscrito] / Silvester Jordan Santiago de Azevedo. - 2023.
25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Rafael José de Melo , Coordenação do Curso de Letras - CCHA. "

1. Análise do discurso. 2. Análise crítica do discurso. 3. Jair Bosonaro. 4. Backlash. 5. Representação. I. Título

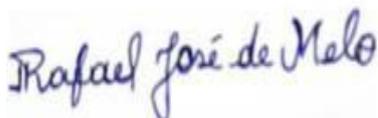
21. ed. CDD 401.41

SILVESTER JORDAN SANTIAGO DE AZEVEDO

**O DISCURSO BACKLASH DO PRESIDENTE BOLSONARO:
a identidade feminina representada nos discursos latentes na fala “a quinta,
eu dei uma fraquejada”**

Aprovada em: 01/12/2023

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Rafael José de Melo
UEPB - CCHA/DLH
(Orientador)



Profa. Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier
UEPB - CCHA/DLH
(Examinadora)



Profa. Ma. Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida
UEPB – CCHA/DLH
(Examinadora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

A Deus, por nunca ter abandonado

Ao meu orientador Rafael José de Melo, por ter tido paciência comigo e tempo para me orientar,

aos meus amigos de curso e da vida,

aos meus Pais Eliene e Sebastião, por sempre me apoiarem em minhas decisões, e, principalmente sou grato a mim mesmo e a minha sanidade mental, especialmente por não ter surtado durante os cinco anos de curso, e está aqui para concluir e finalizar com êxito a Licenciatura Letras Português.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. ANÁLISE DO DISCURSO: PODER E RELAÇÕES SOCIAIS.....	4
3. OS FUNDAMENTOS DA ESCOLHA DE BOLSONARO PARA PRESIDENTE.....	4
3.1 A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO BOLSONARISTA”	14
3.2 A FORMAÇÃO DOS “BOLSOMINIONS”	16
4. BACKLASH: A REPRESENTAÇÃO FEMININA PELO DISCURSO DA NOVA DIREITA BRASILEIRA	18
4.1 A MULHER NO OLHAR BOLSONARISTA: “A QUINTA, EU DEI UMA FRAQUEJADA”	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
6. REFERÊNCIAS.....	24

RESUMO

Durante o processo de impeachment de Dilma Rousseff (2011-2016), representante política filiada ao Partido dos Trabalhadores, percebeu-se, através das publicações na mídia, uma reatualização do discurso patriarcal e anticomunista vinculado ao movimento de antipetismo. Dentro desse contexto, emerge a figura de Jair Messias Bolsonaro, militar reformado e filiado ao Partido Liberal. Eleito em 2019, o presidente recebe um apoio político pelas operações discursivas de uma “nova direita brasileira” a qual fortalece o discurso patriarcal de mulher enquanto “dona do lar”, a objetificação do seu corpo e seu reconhecimento enquanto sujeito impotente. No trabalho proposto, constrói-se uma análise em referência ao discurso proferido por Bolsonaro em 5 de abril de 2017 durante uma palestra no Clube Hebraica. No discurso, proferido por ele, é afirmada a expressão simbólica: “a quinta, eu dei uma fraquejada”. Este trabalho, em um primeiro momento compreende uma leitura do contexto e da interpretação do discurso, de modo a se debater sobre o poder de fala deste sujeito. Posteriormente, busca-se apresentar um estudo sobre a representação da mulher brasileira pela manifestação *backlash* em referência a um grupo de direita que vem intensificando-se no Brasil através do apoio do presidente. Assim, como fundamentação teórica, tem-se os pressupostos Fairclough (2016), de Foucault (2012) e de Faludi (2001).

Palavras-chaves: Análise do discurso. Análise Crítica do Discurso. Jair Bolsonaro. Blacklast. Representação.

ABSTRACT

During the impeachment process of Dilma Rousseff (2011-2016), a political representative affiliated with the Workers' Party, it was noticed, through publications in the media, a re-updating of the patriarchal and anti-communist discourse linked to the anti-PT movement. Within this context, the figure of Jair Messias Bolsonaro emerges, a retired military officer and member of the Liberal Party. Elected in 2019, the president receives political support through the discursive operations of a "new Brazilian right" which strengthens the patriarchal discourse of women as "homemakers", the objectification of their bodies and their recognition as a powerless subject. In the proposed work, an analysis is constructed in reference to the speech given by Bolsonaro on April 5, 2017 during a lecture at Clube Hebraica. In the speech, given by him, the symbolic expression is stated: "on the fifth, I gave a falter". This work, at first, comprises a reading of the context and interpretation of the speech, in order to debate this subject's power of speech. Subsequently, we seek to present a study on the representation of Brazilian women by the backlash demonstration in reference to a direct group that has been intensifying in Brazil through the support of the president. Thus, as a theoretical foundation, we have the assumptions of Fairclough (2016), Foucault (2012) and Faludi (2001).

Keywords: Discourse analysis. Critical Discourse Analysis. Jair Messias Bolsonaro. Blacklist.

1. INTRODUÇÃO

O nome Jair Messias Bolsonaro ganha contorno midiático nos polos de discursão da “nova direita” brasileira, bem como na narrativa do antipetismo e da revalorização do período militar anticomunista a partir de movimentos sociais como Movimento do Brasil Livre e a criação do Partido Novo e Libertários (primeiro partido liberal após o período de Primeira República Brasileira). No contexto da abertura do processo de impeachment de Dilma Rousseff, o até então deputado federal Bolsonaro (PSC – RJ) proclama seu voto através de um discurso de memória ao coronel Brilhante Ustra, chefe do DOI-Codi e reconhecido pela Justiça brasileira como torturador durante o período de regime militar – “[...] Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim”¹. A apologia à tortura o posicionou nas redes de informação nacional e internacional em conjunto aos eixos de debate conversador, tornando-o símbolo da representação neofascista e antipetista.

Este trabalho propõe mostrar um panorama do contexto político-histórico de formação da “figura Bolsonaro” como força direitista, a fim de, também compreender o processo de aceitação do discurso patriarcal e antifeminista. Ademais, identifica-se a camada de apoio que este presidente garantiu antes, durante e após o seu mandato. Apresenta-se, também, a metáfora dos “bolsominions” como classificação de uma resistência política. Nesta direção, reflete-se sobre a perspectiva da Análise do Discurso, de linha francesa, especificadamente no que se refere as conceptualizações de sujeito, discurso, poder e ideologia, bem como da Análise Crítica do Discurso (ACD) de Norman Fairclough.

Configurando o segundo bloco de discursão deste trabalho, apresenta-se um estudo acerca da representação feminina na matriz de política fascista e tensão sociocultural. Desse modo, encontra-se o termo apresentado por Susan Faludi (2001) no livro: *“Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres”*. Apesar de ser um conceito adaptado ao contexto americano, a obra com uso de documentos e ensaios expõe o termo como uma crítica ao discurso de culpabilidade

¹ Discurso disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xiAZn7bUC8A> Acesso em: 03 de abril de 2023.

do feminismo em relação a infelicidade feminina pela pressão e tentativa de igualdade entre os sexos.

Desse modo, como base da fundamentação teoria aborda-se conceitos e estratégias dentro da Análise do Discurso atravessada pelo poder e ideologia. Ademais, é apresentado um breve panorama através de teóricos como Almeida (2019) e Margaret (2010) sobre o contexto histórico e sociopolítico ao qual se organiza o governo e as propostas ideológicas do ex-presidente Jair Bolsonaro. Por fim, compreende-se o conceito de Faludi (2001) atrelado ao discurso de Bolsonaro e a formação da extrema-direita brasileira.

Logo, através desta discussão prévia, o trabalho estabelece uma análise ao discurso de Bolsonaro que fortalece a ideia da mulher em espaço estático ou ciclo contínuo no pensamento conservador. Acredita-se, assim, que, “a fraquejada” que menciona o ex-presidente é uma alusão ao “sexo frágil” e um reforço a subalternidade feminina.

2. ANÁLISE DO DISCURSO: PODER E RELAÇÕES SOCIAIS

Neste artigo, o discurso será analisado com base nos princípios tanto pelo ponto de vista da Análise Crítica do Discurso (ACD), de Norman Fairclough (2016), quanto por um e outro conceito foucaultiano da Análise do Discurso de linha francesa. Haja vista que, através das argumentações destes teóricos percebe-se a estreita relação que os discursos mantêm com o social e o político, de forma a influenciar a sociedade e os comportamentos dos sujeitos, provocando, assim, mudanças e a (re)construção de símbolos ideológicos. Acrescenta-se a compreensão de que o discurso, quando visto como uma produção histórico-cultural expressa o pensamento coletivo e estabelece relações de poder.

Conforme Fairclough (2016), a Análise Crítica do Discurso nasce a partir do anseio de criação de um método de analisar os discursos de forma crítica, juntando teorias das áreas de linguística, sociologia e política, que pudessem apresentar a maneira que as práticas discursivas estão interligadas às estruturas sociais e políticas de poder e dominação.

A ACD segue um quadro de análise que dispõe três dimensões, o quadro tridimensional, dividida em texto, prática discursiva e prática social, que servem como base metodológica para que haja a investigação da manifestação social por intermédio dos discursos. Relaciona-se então, a ideia de discurso, relações de poder e prática social com orientações tanto no âmbito econômico quanto político, cultural e ideológico.

Nesta teoria, três aspectos dos efeitos construtivos do discurso são abordados: a função identitária que contribui na composição do que é exposto como “identidades sociais” e “posições de sujeito”; a função relacional que coopera na construção do vínculo social entre os indivíduos; e por fim, a função ideacional, que contribui na elaboração de “sistemas de conhecimento e crença” (Fairclough, 2016).

No que se diz respeito ao discurso como texto, Norman Fairclough (2016) apresenta a análise textual organizada por quatro itens, sendo eles o vocabulário, que trata das palavras de modo individual, buscando palavras que captem os valores que desejam ser passados em determinados contextos, para isso, o autor focaliza nas lexicalizações alternativas e seus significados, no sentido da palavra e na utilização de metáforas dentro dos discursos. Ademais, de acordo com este teórico, na

perspectiva ideológica, o discurso é apresentado como um conjunto de ideias que estão por trás do texto.

“significações/construções da realidade [...] que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação” (Fairclough, 2016, p. 122).

Assim, o discurso é dotado do termo ideológico à medida que se compreende a intencionalidade que o locutor do discurso deseja perpassar. Para o teórico a ideologia está tanto nas ordens discursivas quanto “nas condições para os eventos atuais e nos próprios eventos, quando reproduzem e transformam as estruturas condicionadoras” (Fairclough, 2016, p. 124). O autor afirma que as ideologias se manifestam na sociedade partindo das relações de autoridade e domínio sobre as classes sociais, gêneros, grupos culturais, etc.

Dialogando com os pressupostos teóricos da teoria de Michel Foucault em *A Ordem do Discurso* (2009), tem-se que o discurso exerce funções de controle e poder dentro da sociedade, ao passo que produz uma rede de signos e um conjunto de valores. O discurso é dotado de uma significação intrínseca dentro do imaginário social e sua reprodução pode manifestar objetos de desejo, estratégias de dominância e ideologias inerentes ao poder hegemônico. Conforme Foucault (2009, p. 8-9):

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Assim, o conceito foucaultiano de discurso trabalha com a ideia de produção e detenção do poder através de representações e simbologias transversais ao discurso. Ademais, aborda-se como fundamentos alguns mecanismos externos de exclusão e aceitação como o privilégio de quem fala, o enraizamento ideológico e enquadres com o contexto sociopolítico, histórico e cultural.

De acordo com Foucault (2009), o discurso é transversal aos sistemas de poder. Ao afirmar isto, este teórico social estabelece alguns métodos que podem ser trabalhados em conjuntos para uma análise do discurso. Tais princípios aqui adotados na análise.

O primeiro método é a inversão, configurando-se como a postura crítica com recortes estratégicos de inversão, construção ou interpretação dos significantes. O segundo método consiste no princípio de descontinuidade, ou seja, como é formado e situado o discurso subjugado a um dado conhecimento genealógico e evolução de ideias. O terceiro método é o da especificidade, nele o discurso pronunciado por autores não detém verdades absolutas. Por fim, o quarto método observa os elementos exteriores ao discurso.

Paralelamente, no texto *A microfísica do Poder*, Foucault (2009) assevera que as manifestações de poder não sucedem de uma maneira isolada. Por conseguinte, um dos aspectos que caracteriza o complexo que ordena as relações de poder nos discursos é baseado na ideia de legitimidade, *status* e apoio das instituições sociais. Para Foucault (2019, p. 252) o discurso dominante e seu poder simbólico é determinado por um processo de construção:

Uma classe dominante não é uma abstração, mas também não é um dado prévio. Uma classe que se torne dominante, que ela assegure sua dominação e que esta dominação se reproduza, estes são efeitos de um certo número de táticas eficazes, sistemáticas, que funcionam no interior de grandes estratégias que asseguram esta dominação. Mas entre a estratégia que fixa, reproduz, multiplica, acentua as relações de força e a classe dominante, existe uma relação recíproca de produção.

Dessa maneira, o processo de análise do discurso apresenta métodos e estratégias as quais possibilitam uma crítica interpretativa de um discurso com base em noções de poder e relações sociais. Esse fundamento, é base para o processo de análise da fala de Jair Messias Bolsonaro dentro do contexto histórico, político e social no qual está entrecruzado por um conjunto de questões ideológicas.

3. OS FUNDAMENTOS DA ESCOLHA DE BOLSONARO PARA PRESIDENTE

A construção da imagem do candidato Jair Bolsonaro (PSL) em sua campanha eleitoral de 2018 apoia-se em conceitos de espetacularização, ou seja, atribui um sentido ou uma natureza exibicionista ao sujeito. Conforme Gomes (2004, p. 254), a constituição de uma imagem na estrutura pública é estabelecida com “um complexo de informações, noções e conceitos partilhados por uma coletividade que a caracterizam”. Desse modo, o agente político é caracterizado por um conjunto de estratégias que emitem mensagens ou símbolos com o objetivo de criar emblemas ao indivíduo como produto e, em dados casos, como uma instituição. Por conseguinte, o reconhecimento de Jair Bolsonaro como Mito perpassa um retrato político baseado na salvação nacional pela luta ao petismo.

Com a votação do impeachment de Dilma Rousseff no Congresso Federal em 2016, Bolsonaro anunciou seu desejo de torna-se candidato a República e entrar em uma disputa eleitoral adotando como discurso a resistência ao Partido dos Trabalhadores (PT) em uma narrativa político-midiática de combate à esquerda. De acordo com Linz e Stepan (1999), a política brasileira é um sistema que fomenta o personalismo com candidatos populares sem fundamentar experiências em atividades partidárias, bem como aponta para o cenário político mundial, a estrutura cultural norte-americana. Nesta perspectiva, e no contexto da política brasileira, entende-se a imagem de Bolsonaro como um princípio ao fortalecimento do discurso de ideologia direitista e busca pelos ideais americanos.

Logo, propondo-se um entendimento da “formação bolsonarista” no quadro político e midiático é necessário verificar quase duas décadas da autoridade petista. Haja vista que, a figura de Bolsonaro assume suas tonalidades após oito anos de governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, seis anos da presidente Dilma e dois anos do vice-presidente Michel Temer.

Keck (2010) constrói em “PT – A lógica da diferença. O partido dos trabalhadores na construção da democracia brasileira” um panorama sobre a formação do PT no processo de redemocratização brasileira, sua posição hegemônica no cenário eleitoral junto ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), assim como, o conjunto de polêmicas que o atravessaram. Sua obra contribui para compreender a ideia de confronto entre o “a ditadura do PT esquerdista” e “Bolsonaro, personagem de combate à opressão

comunista” com uma linha de pensamento fundamentada na história do próprio grupo petista.

Segundo Keck (2010), o ex-presidente Lula apresenta em 1978 em uma conferência de trabalhadores do setor petroquímico na Bahia a necessidade de revolução na comunidade de Metalúrgicos, o desejo de superação da marginalização trabalhista. Posteriormente, em 1980 é estabelecido o PT que constituía como base os princípios da importância dos trabalhadores na vida social brasileira com diálogo às associações sindicais com experiência dos movimentos grevistas e com orientações da esquerda política antes ocupadas por partidos populistas como o Partido Comunista.

Nesse quadro de formação do PT consiste na preparação do terreno para o seu lançamento pela esquerda organizada, cuja visibilidade crescente no plano público no final dos anos 70 ajudou a ampliar a possibilidade de que um espaço à esquerda do espectro político viesse a ser ocupado (Keck, 2010, p. 109 -110).

Assim, centralizou-se no governo petista a ideia de “esquerda brasileira”, ou seja, com a formação do Partido dos Trabalhadores e sua ascensão na sociedade de massa brasileira com princípios na luta sindical trouxe uma visão do PT atrelado ao comunismo. Em adversidade, o Partido Social Liberal (PSL) lança Bolsonaro com uma proposta de desvincular a “monarquia esquerdista” do poder e ao que Ronald Almeida (2019) refere-se como “lulopetismo”, dado aos anos de domínio do PT, da responsabilidade simbólica de Lula na formação do partido e do caráter esquerdista aplicado ao Partido dos Trabalhadores.

Ademais, Almeida (2019) afirma noções sobre a onda conservadora no declínio da democracia liberal através de regimes políticos radicais de extrema direita. O exemplo objetivo no espaço da política internacional é visto com as eleições de Donald Trump e a derrocada dos governos de centro-esquerda na América Latina.

3.1 A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO BOLSONARISTA

A construção discursiva do candidato nas campanhas políticas busca impor uma opinião pública de força e poder no combate às problemáticas evidenciadas em um contexto histórico, econômico, cultural e político. Neste sentido, Jair Bolsonaro, após vinte e sete anos de mandato como Deputado Federal, desenvolve uma

estratégia eleitoral através da promoção de pautas nas redes sociais para atrair os sujeitos que queriam fazer oposição ao PT, bem como defender e/o manter um teor autoritário na política brasileira.

Esta percepção pode ser observada nas falas do ex-presidente. Por exemplo, durante a declaração dos primeiros resultados, por ocasião, do primeiro turno em 08 de outubro de 2018 no Rio de Janeiro.

“O Brasil teve uma experiência de 13 anos [referência ao Governo PT] com o que há de pior na política. Como herança, tivemos aqui um país que viu seus valores familiares desgastados. [Eles] mergulharam o país na mais profunda crise ética, moral e econômica nunca vista. O nosso país realmente está à beira do caos”. (Bolsonaro, 2018).

Neste momento, Bolsonaro expressa uma propaganda política de ideias amplas contra de modificação dos valores que permeavam a sociedade no governo petista. O cenário eleitoral de 2018 contou com um conjunto de aspectos, conforme Dias e Fernandes (2020, p. 481), como uma: “[...] ruptura histórica entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que polarizaram a disputa eleitoral desde o pleito de 1994. Foi também a primeira eleição em que a internet ganhou significativa relevância”. O candidato ao PT, Fernando Haddad, ex-prefeito da cidade de São Paulo e ex-Ministro da Educação, ocupava a segunda posição nas pesquisas. Ademais, o veículo de informação das mídias hegemônicas foi repaginado.

Em relação às informações na indústria cultural brasileira, as redes sociais foram dominadas por ideologias do candidato Bolsonaro e seus seguidores através de uma teia de compartilhamentos e debates sobre o armamento da população em resistência à violência urbana e periférica, a redução da maioria penal e o trabalho forçado para os sujeitos presidiários. Neste contexto, houve também a discursão acerca das *fakenews* para garantir a visibilidade dos candidatos no campo midiático, criar um sentimento de negação política e fomentar escândalos. Dessa maneira, aborda-se a retórica do político como resgatador do povo que sofria pelo “esquerdismo brasileiro” e a “ditadura petista” mediante projetos voltados à formação de uma extrema direita brasileira.

Assim, de acordo com Fonseca (2015), o candidato Bolsonaro apresenta como discurso o mito do profeta e, personagem que anuncia um novo tempo. Interessante também pontuar o trocadilho metafórico do sobrenome Messias

enquanto libertador. Através de uma leitura crítica propondo certa ruptura “daquilo que outros sujeitos não conseguem perceber”, a formação do “mito” consiste na imagem de um sujeito com impulso sagrado e natural guiando seu povo pelos caminhos do futuro. Transversal a esta representação, encontra-se a materialização de ideologias totalitárias e hegemônicas.

Após ser eleito, então, como presidente do Brasil, as promessas conservadoras de Jair Bolsonaro surtiram efeitos já nas primeiras semanas de governo, quando anunciou a criação, por exemplo, de um Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos sob o comando de Damares Alves. Pastora evangélica, a ministra, logo no início de seu mandato, lança mão de frases como “menina será princesa e menino, príncipe” e “menina veste azul e menina veste rosa” como proposta ideológica para as políticas públicas de sua pasta (Rufino, 2020, p. 2)

Portanto, Bolsonaro tornou-se o porta-voz da direita brasileira junto a ideia de crescimento econômico e segurança nacional. Seus eleitores também potencializaram o discurso direitista dele, uma vez que, estava alicerçado numa moral com valores pautados nos ideais religiosos e conservadores.

3.2 A FORMAÇÃO DOS “BOLSOMINIONS”

A fim de caracterizar os eleitores de Bolsonaro, a oposição formulou no ambiente digital das redes sociais o termo “bolsominion” para aqueles que apoiavam o discurso do candidato. Em alegoria à franquia de filmes “Meu Malvado Favorito” (2010, 2013, 2015 e 2017), esta nomenclatura busca representar uma imagem de submissão dos eleitores da direita. Na narrativa fílmica, os minions são os personagens que seguem a comando de Gru, o “malvado favorito”. Gru busca objetivos diabólicos e sem grande fundamento racional, em seu plano para roubar a lua convoca a ajuda de um exército de pequenos ajudantes que dispõe de armas e máquinas de guerra, os minions.

Ademais, tal sátira ou ironia dotada de humor aos apoiadores de Bolsonaro permite observar também um movimento crítico. Este termo passou a designar um posicionamento político, haja vista que, adquiriu um teor de resistência ao apoio eleitoral da nova direita brasileira. Ou seja, torna-se um signo ideológico para retratar uma camada conservadora do país que acredita estar combatendo um conjunto de

princípios ideológicos sintetizados por Bolsonaro no discurso durante a Cerimônia de Posse como Presidente da República no Congresso Nacional em Brasília no dia 01 de janeiro de 2019.

“Aproveito este momento solene e convoco cada um dos Congressistas para me ajudarem na missão de restaurar e de reerguer nossa Pátria, libertando-a, definitivamente, do jugo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica”. (Bolsonaro, 2019a)

Assim, conforme Oliveira (2020, p. 70), e na rede social Facebook que o termo “bolsominion” se encontra em maior escala. No geral, há uma conexão, ou pelo menos uma tentativa, de relacioná-lo, pejorativamente, a publicações referente a intervenção militar, ao armamento da população, ao domínio religioso judaico-cristã, a submissão da mulher ao homem e ao poder da heterossexualidade.

Por conseguinte, para uma análise interpretativa do discurso de Bolsonaro acerca da figura feminina é necessário identificar a base do seu sistema político-ideológico ao qual ele pertence para que se compreenda suas ações e falas como um produto de uma construção discursiva que representa a forma de pensar, não apenas dele, mas também de uma parcela considerável da população brasileira, isto é, um discurso de poder, discriminatório e excludente enraizado na matriz sociocultural.

4. BACKLASH: A REPRESENTAÇÃO FEMININA PELO DISCURSO DA NOVA DIREITA BRASILEIRA

Em linhas gerais, o *backlash* compreende-se como um discurso reacionário à luta pela emancipação e ação feminina em instituições e âmbitos da sociedade. Este termo surge em 1991 quando Susan Faludi, jornalista norte-americana, verifica a trajetória da militância feminina e a reação negativa da mídia no discurso sociopolítico, dessa maneira, publica um livro: *Backlash – o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres* (2001). Contra os valores de igualdade social, o *backlash* seria um movimento contrário e conservador a favor da posição do homem como dominante mantido pela ideologia de direita. “[...] se o backlash contemporâneo tinha uma terra natal, esta era aqui, no seio da Nova Direita, onde ele começou a tomar forma como um movimento com um claro compromisso ideológico” (Faludi, 2001, p. 238).

De acordo com o artigo *Backlash: desvendando o Contra-ataque Antifeminista*, o Portal Geledés (2017) relata que o lançamento do livro de Faludi provocou um escândalo à medida que acabou com a reputação de intelectuais, colunistas e médicos de cunho direitista que divulgava suas concepções em jornais e revistas americanas com fraudes e estatísticas distorcidas. A partir da leitura crítica de uma reportagem circulada em 1986 pela revista Newsweek na qual expressava que “é mais fácil uma mulher de 40 anos ser baleada por um terrorista que se casar”, Faludi (2001) percebe, portanto, que a mídia tentava reproduzir a ideia do feminismo como responsável pela angústia da mulher americana, desse modo, constrói uma análise sobre a desigualdade de gênero.

Conforme o *backlash*, a “melancolia de gênero” é uma infelicidade generalizada pelo sexo feminino na contemporaneidade devido às tentativas de superação dos diferenciais de gênero em uma luta pela ampliação dos direitos femininos na sociedade (Faludi, 2001). Esta noção pode, parcialmente, justificar a posição de algumas mulheres na defesa do discurso de direita, uma vez que, algumas acreditam na incompatibilidade feminina para domínio profissional e, conseqüentemente, a frustração da mulher distanciada do domínio familiar. Faludi (2001, p.1) afirma ainda que, a mídia “convencia as mulheres de que seus sentimentos de angústia e insatisfação eram resultado de certo excesso de independência”, contribuindo, assim, para formação de uma imagem: a perda da feminilidade provocada pelo ataque à ideia e aos costumes da “mulher do lar”.

É importante pontuar que, o *backlash* é também uma manifestação subjetiva e muitas vezes, não é uma ação consciente do sujeito. Faludi (2001) refere-se também ao *backlash* como um fenômeno desencadeado por medo a transformação social de ascensão da mulher no âmbito profissional/trabalhista e a insegurança na ordem do trabalho familiar ou atuação no papel da maternidade.

O agente do *backlash* é então, sujeitos que desconsideram o contexto sociopolítico de opressão feminina e tanto produzem como reproduzem os discursos de opressão e fortalecimento neoconservador. No contexto brasileiro, o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff em 2013 foi caracterizado, por exemplo, com uma série de acusações sobre suas decisões enquanto presidente mulher e partidária da esquerda brasileira com deslegitimação de suas políticas econômicas.

Toda a vez que as mulheres parecem ter algum sucesso na sua marcha rumo a igualdade, surge uma inevitável geada atrapalhando o florescimento do feminismo. 'O progresso dos direitos da mulher na nossa cultura, ao contrário de outros tipos de 'progresso', sempre foi estranhamente reversível', observou a estudiosa de literatura Ann Douglas. [...] 'Enquanto os homens prosseguem no seu desenvolvimento, construindo sobre tradições herdadas', escreve a historiadora Dale Spender, 'as mulheres ficam confinadas em ciclos contínuos de recomeço'. (Faludi, 2001, p.65)

A representação feminina na política foi inaugurada com o direito ao voto nas eleições de 1932 e apenas em 2014 tivemos a primeira presidente do país. Esse quadro de ausência no engajamento da mulher no campo político e a ascensão imediata de uma figura masculina no plano eleitoral brasileiro pode proceder desta resistência do *backlash* em relação ao questionamento dos direitos e poder adquiridos pela mulher.

Conforme Faludi (2001), regimes políticos desenvolvidos pela mídia tendenciosa são desenvolvidos com o estabelecimento da extrema-direita que impõe como argumento o processo de influência das mulheres em valores morais atrelados a posição política e seu desmantelamento do sistema de apoio da família. Ademais, pela construção da seu papel cristã-judaico, o discurso do ex-presidente fortalece a ideia de que os princípios morais da sociedade podem atacar as estruturas familiares dos papéis tradicionais.

4.1 A MULHER NO OLHAR BOLSONARISTA: “A QUINTA, EU DEI UMA FRAQUEJADA”

O eixo de análise fundamental da fala de Jair Messias Bolsonaro é determinado pelo discurso ideológico de desigualdade de gênero com perspectiva ao homem engajado, na esfera pública e no poder institucional em contraposição com a mulher como sujeito da esfera privada, exercendo a maternidade, cargos secundários, cuidadora, etc. Outro discurso inserido na fala analisada neste trabalho, é a reafirmação histórica da mulher como de “sexo frágil”, devido a sua condição biológica.

Descrita pela revista digital Forum como um “habitual show de horrores” no período pré-eleitoral, o discurso de Bolsonaro em 2017, na palestra Hebraica sediada no Rio de Janeiro transcreve algumas falas, dentre elas:

“O pessoal aí embaixo (jovens de movimentos juvenis, torturados da ditadura militar, ativistas dos direitos humanos), eu chamo de cérebro de ovo cozido. Não adianta botar a galinha, que não vai sair pinto nenhum. Não sai nada daquele pessoal.”

1) Ataque a classe intelectual e crítica do país:

“Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Nem pra procriador ele serve mais.”

2) Racismo cometido contra o sujeito negro:

“Alguém já viu um japonês pedindo esmola por aí? Não, porque é uma raça que tem vergonha na cara. Não é igual a essa raça que tá aí embaixo, ou como uma minoria que tá ruminando aqui do lado.”

3) Segundo ataque racista:

“Pedi prum assessor meu dar um pulo ali no bar, comprar um sanduíche de mortadela que eu vou jogar pela janela.”;

“Se eu chegar lá não vai ter dinheiro pra ONG. Esses vagabundos vão ter que trabalhar. Pode ter certeza que se eu chegar lá (Presidência), no que

depende de mim, todo mundo terá uma arma de fogo em casa, não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou para quilombola.”

4) Armamento da sociedade e violência contra a comunidade indígena e afrodescendente:

“Tínhamos na presidência um energúmeno que não sabia contar até 10 porque não tinha um dedo.”;

“Se um idiota num debate comigo falar sobre misoginia, homofobia, racismo, baitolismo, eu não vou responder sobre isso.”;

“Eu não tenho nada a ver com homossexual. Se bigodudo quer dormir com careca, vai ser feliz.”

5) Discurso homofóbico:

“Eu não tenho nada a ver com homossexual. Se bigodudo quer dormir com careca, vai ser feliz.”

Apesar de tantas falas de cunho problemático centralizamos o discurso:

“Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”.

Reconhecendo dois aspectos: o lugar de poder ocupado por Jair Bolsonaro e projeto conservador de dominação masculina no regime patriarcal defendido pela direita.

A visão de Bolsonaro referente aos filhos é hierarquizada. Ao citar que tem cinco filhos, mas posicionar sua “quinta” como uma fraquejada, subentende-se e acrescenta-se a palavra “tentativa”. Dito de outra maneira, uma interpretação atrelada à vontade explícita e a expressão de força e poder decorrente de ter um filho homem, provoca uma tradução do imaginário social na fala de Bolsonaro, lugar em que a mulher, conseqüentemente, todo o gênero feminino, é responsável pelo papel secundário no seio familiar. . Visão esta que mantém reclusa a esfera privada, negando-lhe, portanto, a oportunidade de assumir, como um sujeito com direitos iguais aos do homem, ao que lhe seja possível na esfera pública. Para Faludi, 2001, p. 245-246):

A Nova Direita rotulou sua resistência aos recém adquiridos direitos de reprodução das mulheres como “luta pela vida”; sua posição à recém-conquistada liberdade sexual das mulheres passou a ser chamada de “pró-castidade”; e sua hostilidade à entrada em massa das mulheres no mercado de trabalho tornou-se ‘pró-maternidade’. Finalmente a Nova Direita criou um nome para si mesma [...] “pró- família”.

Dessa maneira, o discurso de Jair Messias Bolsonaro é valorado, por aqueles que insistem, tão quanto ele, em manter fechado o clube do poder masculino, como uma direta extensão que valora os padrões da família tradicional brasileira de mulher como aspecto de “fraquejada” do domínio/ poder social hegemônico. Ademais, como mencionado em outra seção do trabalho, a caricatura política do governo de Bolsonaro é determinada pelo fortalecimento de uma personalidade que estabelecesse uma “ordem”, ou no mínimo manter a já existente historicamente cristalizada nas bases da sociedade machista e patriarcal: ao homem, o poder e a esfera pública; a mulher, o lar e a esfera privada, incluso aos papéis sociais que estavam em crise no governo petista. Por conseguinte, há uma insistência em sustentar o estereotipado do feminismo como um ser submisso e dependente do homem.

Portanto, o aceite do discurso de Bolsonaro é interpretado em junção com o conceito de contra-ataque a conquista de poder feminino. Nas transcrições mostradas aqui, observa-se a falta de respeito não apenas ao sexo feminino, mas também a condição humana de todos aqueles que são “alvo” do pensamento do presidente. No discurso de Bolsonaro, sua família configura como um sujeito o qual transparece a visão do gênero feminino dentro de um sistema político que deslegitima o controle e a força feminina em setores que, conforme a ideologia patriarcal, deveriam ser domínio masculino.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de um breve debate sobre o contexto político-histórico de formação da nova direita brasileira estabelecida em parte com o apoio ao presidente Jair Bolsonaro, este trabalho apresentou um estudo acerca da representação feminina no discurso do ex-presidente transversal a matriz política da direita em âmbito de tensão sociocultural no país.

Através dos métodos e propostas da Análise do Discurso, interpretou o discurso as ideias de identidade e poder no discurso de Bolsonaro. Por conseguinte, demonstrou-se o termo *backlash* como um conceito que dialoga com a subalternidade da mulher em relação ao reconhecimento dos seus direitos e potencialidades fora da esfera neoconservadora.

Assim, a ideia de “fraquejada”, dita pelo presidente da república, conseguiu transitar no imaginário popular brasileiro tornando-se um termo com teor agressivo, em muitos casos dialogando com outros posicionamentos no discurso de Jair Bolsonaro. Ou seja, reconhecendo a posição de poder do presidente e sua rede de apoio eleitoral, é possível argumentar que a considerada “nova direita” tangencia uma narrativa de antifeminismo. Quanto ao *backlash* tem-se que ele é expressado, em muitos momentos, nas falas de um dos maiores representantes do Brasil, uma vez que nesta está presente discursos transversais às ideologias de direita procedidas pelo patriarcado brasileiro.

Por fim, apresentou-se relevância em se refletir sobre a representação da mulher na perspectiva da visão machista e preconceituosa do patriarcado, quando proferido por um sujeito que cultural e legalmente deveria mostrar-se, no mínimo, neutro à diversidade multifaceta dos sujeitos. Assim sendo, sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa (Michel Foucault) e da Análise Crítica do Discurso (Norman Fairclough), observou-se que o sujeito ao falar (proferir) um discurso, reproduz ou sugere ideologias, reconstruindo e mantendo simbologias e formas de pensar.

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronald. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos CEBRAP**, Vol 38, nº 1. São Paulo, 2019.

COFFIN, P.; BALDA, K. **Meu Malvado Favorito 3**. Universal Studios: EUA, 2017, 89 min.

_____. **Meu Malvado Favorito**. Universal Studios: EUA, 2010, 95 min.

_____. **Minions**. Universal Studios: EUA, 2015, 91 min.

_____. **Meu Malvado Favorito 2**. Universal Studios: EUA, 2013, 98 min.

DIAS, Lucia Moreira; FERNANDES, Carla Montuori. Campanha de Jair Bolsonaro para presidência em 2018: a construção do Mito Político. **Educação, Cultura e Comunicação**, v. 11, n. 22, p. 477-488.

FALUDI, Susan. **Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco. 2001.

FONSECA, A. A. **Mitos e Memes Políticos**. 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1949-1.pdf>. Acesso em: 24 outubro de 2023.

FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do Poder**. 10a ed. organização, introdução e revisão técnica por Roberto Machado - Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

_____. **A ordem do discurso**. Loyola, São Paulo, Brasil, 2009.

GOMES, Wilson. **A política da imagem**. In: _____. Transformações da política na era da comunicação de massa. São Paulo: Paulus, 2004. p. 239-290

KECK, M. E. *PT, A Lógica da diferença: o Partido dos Trabalhadores na construção da democracia brasileira*. São Paulo: Editora Ática, 2010.

LINZ, J. J.; STEPAN, A. **A transição e consolidação da democracia: a experiência do Sul da Europa e da América do Sul**. Trad. Patricia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

OLIVEIRA, Natasha Ribeiro de. **A febre amarela" minions": uma análise bakhtiniana. 2020**. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/138dd40f-7806-4c79-a5d7f7ff79fc9a3f> Acesso em: 11 de novembro de 2023.

PORTAL GELEDES. **Backlash: desvendando o contra-ataque antifeminista**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/backlash-desvendando-o-contra-ataque-antifeminista/> Acesso em: 15 de outubro de 2023.

RUFINO, Carina Borges. **“Bela, Recatada e do Lar” O Presságio da Eleição de Bolsonaro no Discurso Feminino de Veja1**. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2182-1.pdf> Acesso em 20 de outubro de 2023.